

# Marx e o Marxismo 2015: Insurreições, passado e presente

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 24/08/2015 a 28/08/2015



| TÍTULO DO TRABALHO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                |          |            |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------|----------|------------|
| O ESTRANHO SUCESSO DO TEATRO DO OPRIMIDO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                                |          |            |
| AUTOR                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)      | Sigla    | Vínculo    |
| Julian Boal                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | Escola de Serviço Social, UFRJ | ESS/UFRJ | Doutorando |
| RESUMO (ATÉ 150 PALAVRAS)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                                |          |            |
| <p>O Teatro do Oprimido nasceu nos anos 70, no contexto da luta contra a ditadura mas também da crítica as formas políticas que eram hegemônicas na esquerda antes do golpe. Este método baseado na hipótese de confiança que os oprimidos podem fazer aquilo que a ordem lhes nega, que seja ou teatro ou a revolução, conheceu um êxito que o levou muito além do contexto que o viu nascer. Presente hoje em mais de 60 países, o Teatro do Oprimido parece não ter sofrido do refluxo da política iniciado nos anos 80.</p> <p>As formas de arte são perecíveis, dizia W. Benjamin. O que nós foi dado assistir não foi tanto a morte de certas formas, mas a completa transformação de seus sentidos pela mudança de conjuntura, conjuntura que abarca tanto a macroeconomia quanto a nossa subjetividade. Como está mudança afetou o Teatro do Oprimido? Que será dele e dos seus usos em tempos neoliberais? Como se deu, dentro do TO, a passagem de um tempo de ditaduras e partidos centralizados ao extremo a outro, de <i>facebook</i> e democracias alegadamente participativas?</p> |                                |          |            |
| PALAVRAS-CHAVE (ATÉ 3)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                |          |            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                |          |            |
| ABSTRACT (ATÉ 150 PALAVRAS)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                |          |            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                |          |            |
| KEYWORDS (ATÉ 3)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                                |          |            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                |          |            |
| EIXO TEMÁTICO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                |          |            |
| A luta libertadora da cultura e da arte                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                |          |            |

## O ESTRANHO SUCESSO DO TEATRO DO OPRIMIDO

É sem dúvida um destino singular que teve e tem o Teatro do Oprimido. Nascido a luz das lutas que agitavam a América Latina e o mundo nos anos 60 e 70, esse conjunto de concepções e dispositivos teatrais só veio a florescer na sequência seguinte, aquela aonde parecemos ainda estar, de refluxo da política emancipatória e de neoliberalismo sem rival a sua altura. Esse florescimento o fez alcançar todos os continentes, os livros de seu criador, Augusto Boal, foram traduzidos em mais de 25 línguas, todos os assuntos relativos a opressão foram provavelmente tratados pelas centenas de grupos que se reivindicam deste “método de trabalho, filosofia de vida, sistema de técnicas” (BOAL, 2004, p.11).

40 anos depois o sucesso do Teatro do Oprimido não deixa de ser um enigma. Como um teatro que se queria “ensaio da revolução” foi adotado por tantas organizações sem nenhum compromisso com uma perspectiva de transformação radical da sociedade? Como tantos praticantes pensam que a emancipação se fará a partir de uma pura mudança pessoal (crença esta refletida nas dramaturgias das peças em que sujeitos livres e autônomos se confrontam uns aos outros numa clara demonstração que a opressão só seria uma opinião e não um sistema)? Como a valorização da experiência comum se tornou uma proibição feita a qualquer forma de teorização e de totalização?

As formas artísticas são perecíveis e os significados que tiveram numa época dada não estão dados para a eternidade. Esse axioma, verdadeiro em sua generalidade, se torna ainda mais agudo quando se trata da arte política. Aqueles que produzem arte com a intenção de analisar e intervir na conjuntura deveriam estar cientes que com as mudanças desta seus recursos não de produzir outros efeitos, podem chegar a perder de sua capacidade crítica ou desvelar outros potenciais que tinham permanecido poucos desenvolvidos no período anterior. Porém muitas vezes assistimos a uma fetichização de um certo número de formas, de recursos técnicos, como se eles garantissem em si uma subversão da ordem dominante.

No caso do Teatro Épico, forma mais conhecida de teatro político, sua sobrevivência se deu muitas vezes graças a um processo que o reduziu a um conjunto de recursos a que se deu o nome geral de *técnica* do distanciamento (composta entre outros por uso de máscaras, de *songs*, de falas endereçadas diretamente ao público, e outros expedientes). Este processo de transformação em técnicas reproduzíveis a qualquer momento e qualquer lugar vai obviamente contra os anseios do próprio Brecht em criar um fazer artístico que não pairasse fora da História.

Certamente esse processo de redução em técnicas também se aplica ao Teatro do Oprimido, também explica, mas somente em parte, por que este perdeu muito de seu potencial crítico. São

incontáveis os usos tecnicistas deste método fazendo crer que ele pode se aplicar de maneira indeterminada, que ele seja a “forma enfim encontrada” do teatro emancipador; assim é bastante estranho a sensação que se tem ao participar de um encontro de Teatro do Oprimido aonde, em regra quase que absoluta, a grande ausente da discussão é sempre a opressão e suas formas contemporâneas. O grande cerne dos debates sendo quase sempre o respeito ou não as regras ditas imutáveis das formas inventadas por A. Boal<sup>1</sup>.

No entanto reduzir a importante questão do rebaixamento das potencialidades políticas do Teatro do Oprimido aos (maus) usos que se faz dele nós parece ser também uma solução rebaixada, visto que ela implicitamente propõe uma alternativa demasiada fácil: o bom uso do Teatro do Oprimido deve se sobrepor ao seu mau uso. Assim se tantos e tantos grupos fazem um Teatro do Oprimido que só reconduz de fato o discurso dominante, que só legitima através da cena o estado presente e deplorável da nossa sociedade<sup>2</sup>, seria por que eles não teriam compreendido direito as práticas propostas por A. Boal ou por serem traidores da causa da emancipação universal. Nessa lógica, um tanto simplista, bastaria que os grupos que não tivessem entendido direito se formassem, fizessem oficinas, com os grupos que seriam os portadores da boa interpretação (vemos neste caso, como provavelmente em muitos outros, como os guardiães do Templo são na verdade também ao mesmo tempo seus mercadores) e que os grupos “traidores” sejam expulsos para que voltemos a realizações verdadeiramente emancipadoras.

O que se ausenta da crítica neste caso são os grupos que supostamente utilizam o Teatro do Oprimido de uma forma “correta” assim como, mais fundamentalmente, o próprio método. Este passa incólume como se apesar dele ter hoje mais de 4 décadas qualquer avaliação sobre o que concretamente ele produziu ou sobre a sua possível inadequação aos dias atuais fosse impensável.

---

<sup>1</sup> Cabe aqui notar que esta atitude formalista não era a do próprio A. Boal. Os escritos deste, como notou acertadamente F. Peixoto, sempre tem um tom de caderno de bordo, de diário de trabalho. Num de seus livros mais famosos, *O Arco-íris do Desejo*, Boal logo depois da explicação de uma técnica de trabalho, passa a descrever como a utilizou numa ocasião precisa. Com regularidade, nessas ocasiões a técnica falha, e o que descreve A. Boal é como ele consegue extrair sentido do próprio “erro”.

<sup>2</sup> Penso aqui nas inúmeras vezes que assisti, em 3 diferentes continentes, apresentações de Teatro-Fórum, forma mais conhecida do Teatro do Oprimido, sobre o tema da violência doméstica aonde, no ápice da violência quando o marido já estava batendo ou ao ponto de bater sua mulher, se pedia ao público intervir tomando lugar da mulher para, a partir de sua perspectiva, propor outras alternativas. Invariavelmente, membros do público propunham soluções que apelavam para um heroísmo absolutamente abstrato (sair de casa só que sem saber aonde ir, nem quem com que dinheiro) ou para truques que, se permitiam que não fossem expostas a violência naquele momento, não resolviam em nada a ameaça constante sob a qual vivem essas mulheres. A visão dominante da sociedade segunda a qual a mulher vítima de violências domésticas se sujeita a isso por que, no fundo, ela assim o deseja ou por que não sabe como lidar com seu marido, se encontra assim confortada por esse tipo de peças.

A hipótese no qual se baseia este artigo é diferente. Os problemas contemporâneos do TO serão considerados aqui como derivando do fato que este conseguiu articular, de maneira inédita e inacreditavelmente pertinente para seu tempo, algumas das propostas estratégicas basilares do pensamento e da prática crítica ao Capital, só que estas propostas foram nos dias de hoje de certa forma já realizadas, só que de forma invertida, pelo Capital. Devemos essa hipótese a leitura do livro *Guy Debord* escrito por Anselm Jappe. Neste, seu autor cita Debord no fim de sua vida constatando que

Seria desnorteante pensar no que foram, recentemente, os magistrados, os médicos, os historiadores, e nas obrigações imperativas, amiúde, reconheciam como próprias nos limites de suas competências”, ao passo que hoje se desencadeou “um fim paródico da divisão do trabalho”. (Jappe, 1999, p.201)

A ineficácia relativa do TO pode ser entendida não como sua falha em realizar os desígnios para qual ele teria sido inventado mas como a dificuldade de ter como propósito realizar algo que já foi concretizado, só que de maneira perversa, pelo presente estado da nossa subjugação ao Capital.

Aqui também a leitura do livro do Jappe pode nos servir de referência quando este nos fala do Surrealismo. Este movimento teria se apoiado nas forças do inconsciente para tentar fazer explodir a racionalidade tacanha da burguesia que só consegue enxergar o mundo através de equivalentes sem nunca dar espaços para o singular. Só que se a racionalidade instrumental é certamente uma das pedras fundamentais da subjetividade burguesa, o sistema capitalista lhe é superior e nega ao mesmo passo que incorpora esta mesma racionalidade.

A entrega às pulsões inconscientes, o desprezo pela lógica, as surpresas inesperadas, as combinações arbitrárias e fantásticas foram realizadas pelo progresso da máquina econômico-estatal, mas de um modo bem diferente do que esperavam os surrealistas. [...] A falta de sentido e a afasia, como em Beckett, a incompreensibilidade e o irracionalismo não podem parecer senão uma parte integrante e indistinta do mundo circundante, transformando-se de crítica em apologia. (Jappe, 1999, p. 197)

Exemplar neste sentido a citação de Breton, que também nós é dada por Jappe, em que o “papa do surrealismo” declarava em 1966 numa entrevista sobre o início do movimento que ajudou a criar: “Naquela época, o grande perigo que corríamos era o enrijecimento da Razão, hoje é o de

sua dissolução”. O que tinha sido arma contra a dominação se revertia em suporte desta ao repetir sua dinâmica fundamental na esfera específica da arte.

É a essa verificação que este texto quer convidar. Será que o TO na verdade, só é tão difundido por reproduzir em outra chave algo que já foi incorporado a ordem dominante das coisas? Qual é o estado do real hoje e em que medida ele é de fato oposto as hipóteses estratégicas que fundamentam o TO? Será que o prazer que temos ao assistir um teatro-fórum é similar ao prazer que as vezes pode proporcionar o retorno do recalque, ao nós mostrar algo de traumático só que de formar que podemos assisti-lo?

O fio da nossa meada será de descrever somente uma dessas hipóteses que fundamentou a crítica ao Capital, a crítica à divisão social do trabalho. Depois dessa etapa verificaremos como esta crítica se encontra no meio do discurso e da pratica do TO. A próxima etapa será logicamente uma averiguação do funcionamento contemporâneo da divisão social do trabalho para ver se ela realmente funciona do mesmo modo do que na época aonde foi conceitualizada.

### **A crítica a divisão do trabalho em Marx**

É claro que a empreitada de analisar em profundidade o que Marx pode ter entendido como sua crítica a divisão do trabalho é uma tarefa que excederia, tanto em espaço como em seu propósito, de longe a meta do presente artigo. Aqui nós limitaremos a traçar suas características principais nos que elas podem ou não nos esclarecer sobre a pratica e a teoria do TO.

A divisão do trabalho não é para Marx um fenômeno exclusivo do Capitalismo, ela nasce assim que a sociedade se cinde em classes com o aparecimento da propriedade privada. “[...] divisão do trabalho e propriedade privada são expressões idênticas – numa é dita com relação ao produto à própria atividade aquilo que, noutra, é dito com relação ao produto da atividade”. (Marx, 2007, p. 37).

O constrangimento feito a cada indivíduo para que exerça um certo número bastante limitado de operações físicas e mentais no quadro de um trabalho, no intuito de poder estabelecer trocas com os outros membros das sociedades para poder satisfazer suas necessidades ou vontades articula em si várias das contradições da sociedade de classes.

[...] com a divisão do trabalho, dá-se ao mesmo tempo a contradição entre o interesse dos indivíduos ou das famílias singulares e o interesse coletivo de todos

os indivíduos que se relacionam mutuamente [...]. E, finalmente, a divisão do trabalho nos oferece de pronto o primeiro exemplo de que, enquanto os homens se encontram na sociedade e, portanto, enquanto há a separação entre interesse particular e interesse comum, enquanto a atividade, por consequência, está dividida não de forma voluntária, mas de forma natural, a própria ação do homem torna-se um poder que lhe é estranho e que a ele é contraposto, um poder que subjuga o homem em vez de por este ser dominado. Logo que o trabalho começa a ser distribuído, cada um passa a ter um campo de atividade exclusivo e determinado, que lhe é imposto e ao qual não pode escapar [...] (Marx, 2007, p.38)

Se a divisão do trabalho é comum a todas as sociedades de classe, na sociedade burguesa ela ganha uns traços distintivos que se adensam com o desenvolvimento do Capitalismo. Quando no fim do século XVIII o Capital se apodera da produção, começa uma ruptura radical em vários níveis com as sociedades pré-capitalistas. Uma dessas rupturas se dá no campo dos modos de produção, esse já não pertencendo mais aos produtores diretos. Não somente estes últimos perdem a propriedade dos meios de produção como perdem o controle sobre a forma em que concretamente se organizava o trabalho. O Capital destrói todas as formas de organização comunitárias (corporações, comunidades camponesas, ...) através das quais os produtores diretos dispunham de um certo controle sobre a organização do trabalho, mas além disso a produção vai ter agora como figura central o “trabalhador coletivo” que vai se sobrepor aos “processos de trabalho individuais” que eram majoritários nas sociedades pré-capitalistas. Mas, da manufatura a grande indústria, esse “trabalhador coletivo” será criado baixo o comando do Capital que o transformará em simples apêndice da máquina.

[a manufatura] Deforma o trabalhador monstruosamente, levando-o, artificialmente, a desenvolver uma habilidade parcial, à custa da repressão de um mundo de instintos e capacidades produtivas, [...] Não só o trabalho é dividido e suas diferentes frações são distribuídas entre os indivíduos, mas o próprio indivíduo é mutilado e transformado no aparelho automático de um trabalho parcial [...] (Marx, p. 416, 1998)

A mutilação ao qual Marx se refere não é pura metáfora. A nova configuração da divisão do trabalho leva consigo suas patologias próprias.

Certa deformação física e espiritual é inseparável mesmo da divisão do trabalho na sociedade. Mas, como o período manufatureiro leva muito mais longe a divisão

social do trabalho e também, com sua divisão peculiar, ataca o indivíduo em suas raízes vitais, é ele que primeiro fornece o material e o impulso para a patologia industrial. (Marx, p.418, 1998)

Se o trabalhador da manufatura e da grande indústria é o grande exemplo do acanhamento físico e moral que produz a divisão do trabalho em regime capitalista, ele está longe de ser o único por ela afetado. Lembremos aqui o nome pouco carinhoso com o qual Marx cunhou os primeiros representantes do movimento operário a serem eleitos como membros de parlamentos: cretinos parlamentares. No século XIX, a palavra cretino era um termo médico utilizado para designar aqueles que, muitas vezes devido a consanguinidade, tiveram seu desenvolvimento físico e intelectual atrofiados. Esse desenvolvimento acanhado é na verdade traço distintivo de toda sociedade que se organiza com a divisão do trabalho. Assim para Marx, até mesmo o grande Rafael, por ser somente pintor, é limitado.

[...] até mesmo o nome de sua atividade expressa continuamente a estreiteza de seu desenvolvimento social e de sua dependência da divisão do trabalho. Numa sociedade comunista não há nenhum pintor, mas, no máximo, homens que entre outras atividades pintam. (Marx, 2007, p.381)

## **A crítica a divisão do trabalho no Teatro de Arena e no Teatro do Oprimido**

Uma das mais belas homenagens feitas ao modo de produção dentro do Teatro de Arena é sem dúvidas aquela feita pelo Vianinha em seu famoso texto *Do Arena ao CPC*. Nele Vianinha justifica sua saída do Arena por este ser incapaz de dar conta, visto sua estrutura empresarial, das tarefas de “conscientização em massa” necessária segundo ele a conjuntura brasileira. Neste mesmo texto, no entanto, Vianinha tem o cuidado de sempre ressaltar todos os avanços realizados pelo Arena, e um destes é a desespecialização e o trabalho coletivo.

Deixou de haver funções estanques de ator, diretor, iluminador etc. O Arena tornou-se uma equipe, não no sentido amistoso do termo [...], mas no sentido criador. Todos os atores do Arena tiveram acesso à orientação do teatro; orientação comercial, intelectual, publicitária. Boal mobilizou toda a imensa capacidade ociosa existente; Flavio Migliaccio, que só fazia pontas e carregava material de contra-regragem, praticamente inventou um novo ator no Brasil; Guarnieri, Boal, Chico de Assis, Flavio, Milton Gonçalves, Nelson Xavier escreveram peças. Todos

participamos de um laboratório de atores. E todos estudamos e debatemos em conjunto. (Vianninha, O., 1983, p. 92)

O trabalho dentro do Arena não se restringia em funções específicas, cada participante podendo exercer várias funções. É conhecido assim que vários dos atores do Arena se tornaram também autores no seminário de dramaturgia aonde todos podiam opinar, e varias vezes o faziam com uma criticidade próxima da violência, sobre as peças de todos.

A desespecialização levava necessariamente consigo o trabalho em grupo. Num grupo aonde todos assumem todas as funções, necessariamente cada função é exercida coletivamente. O depoimento do Paulo José sobre a forma da direção exercida pelo A. Boal mostra que a transgressão aos limites tradicionalmente impostos a cada função no fazer teatral era também a práxis no modo em que se dirigia as peças.

A direção de Boal era muito pouco atuante no sentido de imposição de alguma coisa. Era uma direção interrogativa, de aberturas de possibilidades. Na verdade quem fazia o espetáculo eram os atores, o Boal fazia a crítica.

Esse método interrogativo é um método interessante. No Teatro de Arena começa a aparecer uma negação da figura do *metteur en scène*, do diretor como criador do espetáculo; no Teatro de Arena, o espetáculo, as pessoas é que criavam (in Roux, R., p.192, 1991)

Esta forma de produzir em que se procurava que todos tendencialmente se ocupassem de tudo terá um desdobramento na própria cena em Arena Conta Zumbi aonde o trabalho coletivo não era mais unicamente um modo de produção mas também recurso cênico em si numa peça que desde o título assume um ponto de vista coletivo e aonde cada personagem é na verdade construído em sua totalidade ao conjugar todas as representações que dele será feita por cada um dos atores e atrizes em cena. Aliás, o fato de nenhum ator exercer uma “apropriação privada” de nenhum personagem é visto no livro *Teatro do Oprimido* como um dos elementos necessários a transformação do teatro em arma para a libertação. O fato de uma personagem ser representada somente por um ator é analisado como um subterfugio ideológico criado pela aristocracia para fazer passar a ideia que existem personalidades excepcionais, os protagonistas, e outros que seriam o coro, representando a massa.

Num livro posterior, *Stop, C'est magique*, a especialização é considerada como um equivalente quase idêntico a opressão. Não somente ela atrofia todos a que a ela são submetidos, fazendo que só desenvolvam, e de maneira monstruosa, as habilidades necessárias a realização das tarefas relativas a suas especialidades como além disso cria monopólios nocivos aonde poucos detém o controle sobre a sociedade. Assim desespecializar-se é uma tarefa revolucionária.

Essa é uma imagem ideal da sociedade, em que todas as pessoas podem fazer tudo, até mesmo dirigir essa sociedade. *E esse ideal é perigoso!* (Boal, A., p.29, 1980)

Se é somente no livro *Teatro do Oprimido* que a desespecialização e o trabalho coletivo recebem um cunho explicitamente político, é inegável que esses temas já ressoavam no Brasil dos anos 60 e do início dos 70 com questões que estavam muito além do âmbito das técnicas teatrais. A Revolução Cubana, assim como os mitos que se criaram a seu respeito, iniciava uma nova sequência na esquerda, tanto internacionalmente como no Brasil. Não somente a fagulha da revolução parecia ter se deslocado para América Latina, como os pesados aparelhos dos partidos não se mostravam como necessários para organizar e conduzir uma insurreição vitoriosa. Pequenos grupos, sem uma hierarquia rígida ou divisão entre comando e executantes, entre trabalho intelectual e manual, podiam deflagrar revoluções. O foquismo favorecia também a ideia da não necessidade das mediações, as massas já estando prontas, e ao afirmar a preponderância de um pequeno grupo sobre o partido também “liberava” os intelectuais da necessidade de uma previa disciplina partidária. Esse ideário, depois de 1966, foi ainda reforçado pela revolução cultural chinesa.

Para além disso, a luta contra a especialização era igualmente uma luta contra a atomização e fragmentação da nossa experiência do social. Esses modos de produção coletivos se queriam uma organização pré-figurativa aonde, ao dar sentido as nossas ações, se recuperava a possibilidade de criar o entendimento da totalidade e vislumbrar como combatê-la.

### **Breve observações sobre a configuração contemporânea da divisão do trabalho**

Como já foi indicado anteriormente, a divisão do trabalho não se dá fora da história, não é estática. Se ela já estava presente em sociedades pré-capitalistas, suas características mudam radicalmente com o advento do capitalismo. Mas será só isso? Será que dentro do próprio capitalismo seus atributos são imutáveis? É ponto pacífico que uma das características principais do

Capitalismo é a necessidade que tem esse sistema de se transformar de maneira permanente. Fora a metamorfose constante entre dinheiro e mercadoria que é o movimento próprio do valor se valorizando, o Capitalismo também precisa de constantemente revolucionar a forma das relações de produção, os meios de produção assim como as condições concretas do processo de trabalho. Essas mudanças contínuas se espelham, não diretamente mas através de mediações específicas, nas nossas subjetividades. A questão que nos guiara agora, mesmo se não podemos aqui aprofundá-la devidamente, é de tentar desenhar os atributos da divisão do trabalho tal como ela se apresenta hoje, questão que traz automaticamente outra em seu bojo: se a forma da divisão do trabalho na atualidade é específica, como essa especificidade se reflete em mostra maneira de perceber o mundo? Sabemos que essa tarefa vai muito além do que essas páginas pode abarcar. A natureza contraditória que alguns dos dados a seguir pode apresentar é devida também ao fato dos processos de trabalho não serem abstrações uniformes mas se apresentarem concretamente de modos bem diferenciados uns aos outros.

Para pensarmos uma historicização dentro do próprio sistema capitalista do conceito de divisão do trabalho algumas das hipóteses do Marx sobre o desenvolvimento dos processos de trabalho podem nós ser da maior importância. A automação do processo de trabalho, devida a terceira revolução técnico-científica, deixou certamente as condições de trabalho mais próximas do que o Marx antevia nos Grundrisse.

O trabalho não aparece mais tão envolvido no processo de produção quando o ser humano se relaciona ao processo de produção muito mais como supervisor e regulador. (O que vale para a maquinaria, vale igualmente para a combinação da atividade humana e para o desenvolvimento do intercâmbio humano.) Não é mais o trabalhador que interpõe um objeto natural modificado como elo mediador entre o objeto e si mesmo; ao contrário, ele interpõe o processo natural, que ele converte em um processo industrial, como meio entre ele e a natureza inorgânica, da qual se assenhora. Ele se coloca ao lado do processo de produção, em lugar de ser o seu agente principal. (Marx, 2011, p. 588)

{Da mesma maneira que, com o desenvolvimento da grande indústria, a base sobre a qual ela se sustenta – a apropriação do tempo de trabalho alheio – deixa de constituir ou de criar a riqueza, com tal desenvolvimento o trabalho imediato enquanto tal também deixa de ser a base da produção, ao ser transformado, por um lado, em uma atividade mais de supervisão e regulação; mas, por outro, também porque o produto deixa de ser produto do trabalho imediato isolado e porque, ao

contrário, a combinação da atividade social aparece como o produtor. (Marx, 2011, p.591)

O trabalho, enquanto atividade concreta, perdeu muito de sua forma de confrontação direta com uma matéria ou com um objeto para se tornar de fato em inúmeros casos essa atividade de “supervisão e regulação” da produção. Esse tipo de atividade, muito semelhante a um tipo específico de passividade, necessita de cada vez menos operações físicas e mentais que lhe sejam específicas. As interfaces oferecida pela tecnologia contemporânea, seja um computador ou um painel de controle, acabam assemelhando entre si tarefas cujos resultados podem ser muito diferentes mas cujos instrumentos, ações físicas e aparelho conceitual requeridos não variam consideravelmente. Os trabalhos ficam concretamente cada vez mais parecidos entre si<sup>3</sup>.

Esse emparelhamento dos processos de trabalho pode ser notado na extensão que parece ser sem fim do domínio do produtivismo em esferas que lhe eram até então inacessíveis, criando o fenômeno chamado de “proletarização do trabalho intelectual”.

O que Mandel (1979) chama de processo de “proletarização do trabalho intelectual” não corresponde exatamente a um baixo nível de vida ou a um consumo limitado, mas, sobretudo, a uma alienação progressiva. As reformas funcionais pelas quais passa o ensino superior promovem a perda de acesso aos meios de trabalho e de controle das condições de trabalho intelectual, submetendo o trabalhador a exigências que não se relacionam com o desenvolvimento de suas capacidades ou com suas próprias necessidades. A superespecialização, a instrumentalização e a proletarização são elementos que confluem nas reformas universitárias e são levados ao apogeu através da subordinação direta do ensino e da pesquisa na universidade aos projetos de empresas privadas ou de serviços governamentais. (Nunes, 2014, p.4)

Para além do domínio do Capital sobre a produção acadêmica de saber essa “proletarização da vida intelectual” se estende sobre como é julgado esse saber, que seja nas ciências exatas ou humanas. Cada vez mais se impõe critérios, por vezes absolutamente abstratos, supostamente capazes de fazer uma avaliação precisa da vida do espírito e do seu desenvolvimento utilizando

---

<sup>3</sup> Cabe aqui uma anedota relatada por meu pai. Este, quando abandonou a carreira de petroquímico a qual sua formação acadêmica lhe destinava pela de diretor de teatro, foi vilipendiado pela sua família por escolher uma carreira tão precária. Uns 30 anos depois, meu pai reencontrou por acaso um antigo colega seu de universidade que lhe parabenizou pela escolha de carreira. Ser químico já não tinha mais nenhum prestígio, dizia o colega. Se antes as operações que eles faziam eram seu monopólio exclusivo agora qualquer um podia fazê-las contanto que tivessem um computador para comandar as diferentes operações. “Não nos respeitam mais” dizia meu pai ter ouvido da boca do antigo colega.

medidas produtivistas. O saber intelectual pode assim ser julgado em termos de unidades abstratas (os pontos que se ganha num concurso por ter participado a X números de encontros como este por exemplo, por ter publicado artigos em revistas reverenciadas pelo Capes, etc.) que torna possível sua comparação em termos de grandeza numérica com outros saberes.

Mas não é só nas condições concretas dos processos de trabalho intelectual que se pode constatar mudanças importantes. Se o saber se torna mensurável e quantificável, outros processos de trabalho, aqueles considerados manuais, também sofreram transformações que espelham, de maneira invertida, aquelas que ocorreram dentro dos trabalhos ditos intelectuais. As metamorfoses das relações de trabalho dentro do capitalismo contemporâneo incorporaram por exemplo vários simulacros de participação e de trabalho coletivo, os círculos de qualidade sendo o exemplo mais conhecido. São inúmeros os casos em que os trabalhadores são solicitados não mais como mera força de trabalho dócil, mas aonde todos seus recursos, inclusive aqueles pertencendo aos domínios da intimidade ou da imaginação, são postos ao serviço do rendimento da empresa.

A vontade de utilizar novos jazidos de competências em trabalhadores até ali submetidos ao trabalho parcelar ao favorecer seu engajamento conduz igualmente a elevar o nível de exploração. A exploração é de fato reforçada pela posta ao trabalho de capacidades humanas (de relação, de disponibilidade, de flexibilidade, de implicação afetiva, de engajamento, etc.) que o taylorismo, precisamente por que tratava os homens como máquinas, não procurava nem podia atingir. (Boltanski, L, Chiapello, E., 1999, p. 336)

Assim sendo perde da sua pertinência a conhecida fórmula do Taylor segundo a qual ele poderia ter como trabalhador ideal um macaco adestrado. Aos trabalhadores de hoje, ao contrário, é pedido inúmeras vezes que se entreguem corpo e alma ao seu trabalho. Se a evolução do trabalho para um tipo de atividade que não se resume a repetição de um número restrito de gestos mecânicos não pode ser considerada unilateralmente como negativa é igualmente verdade que a utilização da subjetividade (sob a forma da imaginação, da inventividade, da implicação afetiva e emocional que se requerem dos trabalhadores) também implica aqui sua exploração e seu domínio.

Os autores do *Novo Espírito Capitalismo*, donde provém a citação acima, ao tentar descrevê-lo estudando tanto as novas práticas de trabalho como os manuais para a motivação dos quadros superiores das empresas, notam o quanto este pode ser lido como uma recuperação da crítica ao capital em termos que lhe sejam produtivos.

[...] as qualidades que, nesse novo espírito, são garantias de sucesso – autonomia, a espontaneidade, a capacidade rizomática, a pluricompetência (por oposição a especialização estreita da antiga divisão do trabalho), [...] são tomadas diretamente ao repertório de Maio de 68. Mas esses temas, associados nos textos do movimento de maio a uma crítica radical do capitalismo [...] se encontram, na literatura do neo-management, de certa forma autonomizados, constituídos em objetivos valendo por si só e posto ao serviço de forças das quais ele esperava acelerar a destruição. (Boltanski, L, Chiapello, E., 1999, p. 150)

Ainda seguindo esses autores, essa literatura do neo-management exalta um tipo de trabalhador sempre capaz de se adaptar as demandas sempre novas das empresas e do mercado de trabalho em geral. A mobilidade é uma das suas características mais enaltecidas. O nomadismo exaltado por Deleuze e Guattari recebe aqui paradoxais desdobramentos. Para adquirir essa mobilidade o trabalhador deve ser leve e renunciar a tudo que seja um obstáculo a sua leveza. Essa exigência de leveza vai ao encontro de todas as constâncias que podiam ser também fontes de seguranças, inclusive aquelas oferecidas por um emprego estável, uma vocação, um saber específico, uma experiência adquirida. Tudo nele tem que tender para uma leveza entendida como sinônima de abertura, disponibilidade e adaptabilidade aos novos projetos que podem lhe ser oferecidos. Essa leveza, como era de se esperar, vem carregada de pesados constrangimentos subjetivos.

Subjacente a essas diferentes formas de renúncia, encontramos um sacrifício mais fundamental: o da personalidade enquanto maneira de ser que se manifestaria em atitudes e em condutas que seriam similares quaisquer que sejam as circunstâncias. [...] O homem leve faz o sacrifício de uma certa interioridade e da fidelidade a si, para melhor se ajustar as pessoas com as quais ele entra em contato e com as situações, sempre se transformando, nas quais ele se encontra levado a agir (o que supõe também o renúncia a ubris do cálculo, no benefício de uma racionalidade limitada) (Boltanski, L, Chiapello, E., 1999, p. 186)

Em tempos de desregulamentações do código de trabalho e de acelerada precarização dos trabalhadores em escala mundial, esse sacrifício se junta a tantos outros. Num mercado do trabalho cada vez mais caótico aonde se torna objetivamente impossível a projeção num futuro de contornos incertos, a única certeza que se impõe como evidencia a maioria dos trabalhadores é que suas condições de trabalho, e muito provavelmente seu próprio emprego, irão se transformar de maneira imprevisível. É grande até a probabilidade que seu emprego, e talvez ele mesmo, se tornem

“redundantes”, para utilizar a tão evocativa expressão anglo-saxã, no próximo giro da até agora inexorável maquinaria econômica. E é tão pouco o que rende muitos trabalhos, insuficiente para garantir seu mínimo vital, que ele tem que exercer várias profissões ao mesmo tempo. Assim a promessa de emancipação expressa na possibilidade de “hoje fazer isto, amanhã aquilo, de caçar pela manhã, pescar a tarde, à noite dedicar-me a criação de gado, criticar após o jantar [...] sem que eu jamais me torne caçador, pescador, pastor ou crítico.” (Marx, 2007, p.38) pode ser entendida, se lida unilateralmente, como sendo somente descritiva da vida precária de um número imenso de trabalhadores.

## **Considerações Finais**

Não é aqui nosso propósito dizer que a divisão social do trabalho perdeu toda relevância como conceito crítico. Mas a evolução do sistema capitalista, conhecido por tudo dissolver, também parece haver transformado radicalmente as formas destas. Sabemos que este sistema é contraditório e exige muitas vezes que o trabalhador se forme e se especialize cada vez mais ao mesmo tempo que seu movimento pode tornar inúteis, por que pouco rentáveis ou obsoletas, algumas das especializações que antes demandava. Essas transformações fazem com que o conceito não pode ser isolado como coisa em si, como garante de uma emancipação se este não for imediatamente ligado a outros conceitos e práticas, como por exemplo a abolição do assalariado, o controle sobre os próprios meios de produção, sem o qual ele perde sentido. Somente poderá ser plenamente realizada a superação da divisão do trabalho quando for superada a própria divisão da sociedade em classes.

Fetichizar uma parte desse processo e transforma-lo no todo do processo da emancipação leva rapidamente a concepções rebaixadas do que poderia ser o ‘Reino da Liberdade’.

Dentro do âmbito restrito do Teatro do Oprimido, isso, entre outros fatores, pode levar a louvar as próprias características que assumem hoje em dia nossa dominação. Assim um grupo de Teatro do Oprimido recentemente publicou o seguinte anúncio: “O [nome do grupo] está sempre à procura de pessoas criativas e empreendedoras que acreditam que o Teatro do Oprimido é o caminho para transformar o mundo. Se és essa pessoa envia-nos as tuas ideias, acompanhadas do teu CV, para RH@[nome do grupo].org”. Saber de que grupo se trata aqui importa pouco, o importante é ver com que facilidade o discurso do empreendedorismo se adentrou para dentro do Teatro do Oprimido. Se esse discurso conseguiu essa tão forte penetração é também devido ao fato

que o que o Teatro do Oprimido procurava propor como praticas préfigurativas da emancipação agora já perdeu de seu teor crítico pela própria evolução do próprio real. Afinal de contas o que tem de tão revolucionário assim proclamar hoje que “todo mundo pode fazer teatro, até mesmo os atores” num país que dá recordes mundiais de audiência a programas de TV- realidade? Uma compreensão restritiva da abolição da divisão social do trabalho e que não tome em consideração a evolução desta nos dias de hoje faz correr o risco aos praticantes de Teatro do Oprimido de não poder oferecer nada que se contraponha ao real mas que somente o repita em outra chave.

Esse inventário não deveria terminar por aqui e começar a examinar outras das hipóteses emancipadoras que ele articulava, como por exemplo a perspectiva da abolição da arte enquanto esfera separada. A leitura de *Literatura e Revolução* hoje em dia permanece certamente útil e alguns trechos brilham pela esperança depositada por Trotsky no processo revolucionário capaz, segundo ele, de fazer com que a “a espécie humana, na sua generalidade, [atinja] o talhe de um Aristóteles, de um Goethe, de um Marx. E sobre ela se levantarão novos cumes.” (Trotsky, 2007, p.196) No entanto algumas outras passagens chegam a provocar arrepios.

A indústria absorverá a arte ou a arte elevará a indústria a seu Olimpo? [...] As respostas, no resultado objetivo, não apresentam diferenças. Uma e outra supõem uma expansão gigantesca da qualidade artística da indústria, aqui entendida como toda atividade produtiva do homem, inclusive a agricultura mecanizada e elétrica. (Trotsky, 2007, p.193)

Não chegamos já a esse ponto em que desabou ‘o muro que separa arte da indústria’? Já não passamos o ponto em que qualquer objeto que nos rodeia não tenha sido concebido por um designer e tem finalidades estéticas para além de utilitárias? No entanto o desenvolvimento pleno dos sentidos esperado não se deu, talvez eles até tenham se acanhados. Como entender esse processo? Devemos abandonar essas hipóteses como obsoletas? Ou podemos reavivá-las a luz das necessidades prementes que sentimos em superar nossa presente e deplorável situação?

## **Bibliografia**

- BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2013
- \_\_\_\_\_. Stop, c'est magique. São Paulo: Civilização Brasileira, 1980
- BOLTANSKI, Luc, CHIAPPELLO, Ève. Le nouvel esprit du capitalisme. Paris: éditions Gallimard, 1999
- JAPPE, Anselm. Guy Debord. Petropolis: Editora Vozes, 1999
- MARX, Karl. A ideologia alemã. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007
- \_\_\_\_\_. Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857-1858: Esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- \_\_\_\_\_. O capital: crítica da economia política. Volume I, tomo 1. São Paulo: Civilização Brasileira, 1998.
- NUNES, Scheilla. “Apertando a engrenagem”: a universidade em tempos de regressão. Acessado no dia 08 de julho de 2015 no endereço <http://libertas.ufjf.emnuvens.com.br/libertas/article/view/2884/2164>
- PEIXOTO, Fernando. Vianinha, *Teatro –Televisão – Política* [seleção, organização e notas]. Brasília: Editora Brasiliense, 1983
- ROUX, Richard. Le Théâtre Arena. Aix-en-Provence: Université de Provence, 1991
- TROTSKI, Leon. Literatura e revolução. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.